



**Universidade Estadual da Paraíba
Campus – VI Poeta Pinto do Monteiro
Centro de Ciências Humanas e Exatas
Curso de Licenciatura em Letras**

JADLA MANUELLA NEVES

**MADONA ABANDONADA: MATERNIDADE E ADOÇÃO EM *O
QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ**

**MONTEIRO-PB
2019**

JADLA MANUELLA NEVES

**MADONA ABANDONADA: MATERNIDADE E ADOÇÃO EM *O*
QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de graduada em letras com habilitação em língua portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva

**MONTEIRO-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N511m Neves, Jadla Manuella.
Madona abandonada [manuscrito] : maternidade e adoção em *O Quinze*, de Rachel de Queiroz / Jadla Manuella Neves. - 2019.
23 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva , Coordenação do Curso de Letras - CCHE."
1. Maternidade. 2. O Quinze (Romance). 3. Rachel de Queiroz (Escritora brasileira). 4. Abandono materno. 5. Adoção . I. Título

21. ed. CDD 306.8743


JADLA MANUELLA NEVES

**MADONA ABANDONADA: MATERNIDADE E ADOÇÃO EM O
QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de graduada em letras com habilitação em língua portuguesa.

Aprovada em: 30/10/2019.

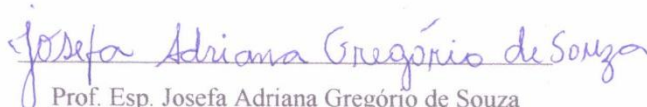
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma Simone dos Santos Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

À minha mãe pela força, coragem e inspiração
e ao meu filho que me fez sentir o amor por
ser mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, minha luz.

Ao meu pai João Batista, minha mãe Maria José, guerreiros que me inspiram a cada dia e aos meus irmãos Jandson, Jackson, Jaidson e Jaedson que tanto me fazem sorrir.

Ao meu filho Robert Emanuel, com quem aprendi que devemos ser gratos a Deus por não nos dar tudo o que lhe pedimos, apenas um filho, que veio iluminar minha vida, fazer meus dias melhores, sonhar e crescer infinitivamente.

Ao professor Marcelo Medeiros da Silva, pelas leituras sugeridas ao longo desse período, pela dedicação, cobrança e paciência que teve comigo durante a elaboração desta escrita.

Aos membros da banca examinadora deste trabalho pelas sábias críticas e sugestões.

Aos professores do Curso de graduação da UEPB, em especiais, que contribuíram ao longo destes cinco anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação acadêmica, o meu muito obrigada.

Pode-se secar um coração de mulher, a seiva de todos os amores, mas nunca se extinguirá o amor materno.

(Júlio Dantas)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. MATERNIDADE E ADOÇÃO EM <i>O QUNZE</i>: (IN)DECISÕES FEMININAS	09
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

MADONA ABANDONADA: MATERNIDADE E ADOÇÃO EM *O QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ

Jadla Manuella Neves¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a representação da figura materna na literatura regionalista. Mais especificamente, interessa-nos estudar um tipo específico de mãe: aquela que Motta (2015) chama de madona abandonada, isto é, mulheres que não puderam vivenciar a experiência da maternidade porque, apesar de terem dado à luz, tiveram, por razões várias, de abandonar o filho ou entregá-lo para adoção. O abandono ou a entrega para adoção são ações vistas, em nossa cultura, a partir de uma perspectiva negativa e condenatória. Isso faz com que a mãe que o praticou seja abandonada à própria sorte, à solidão e à culpa por não ter podido cumprir com o papel de mãe consolidado como legítimo socialmente, isto é, mulheres que, em meio a circunstâncias tão adversas, são levadas a entregarem seus filhos para outra pessoa. Para tanto, tomamos como *corpus* o romance *O Quinze* (1937), da escritora cearense Rachel de Queiroz (1910-2003), e analisamos as personagens Cordulina e Conceição à luz dos pensamento de Araújo (2009), Del Priore (1980), Badinter (1980) e Motta (2015), por estudar o sofrimento causado na mãe que é levada a separar-se dos filhos.

Palavras-chave: Maternidade. Abandono Materno. Madona Abandonada.

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the portrayal of maternal figures in literature; and, in particular, the figure of the “abandoned Madonna,” a term used by Motta (2015) for women who, though they give birth, relinquish motherhood because, for a variety of reasons, they abandon their children or put them up for adoption. Brazilian culture, in particular Northeastern Brazilian culture, maintains negative and damning opinions of these practices. Consequently, these women are left alone to face their loneliness and guilt for their incapacity to fulfill their socially legitimized role as a mother, that is, women who, under such adverse circumstances, are forced to surrender their children to someone else. This paper examines the subject in *O Quinze* (1937), by the Ceará-native Rachel de Queiroz (1910-2003) through the lenses of Araújo (2009), Del Priore (1980), Badinter (1980), and Motta (2015), for studying the suffering caused in the mother who is driven to separate from her children.

Keywords: Maternity. Maternal abandonment. Abandoned Madonna.

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduanda em letras – língua portuguesa pelo Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: jadlamanuella@gmail.com

Nosso objeto de estudo é a representação da figura materna na literatura regionalista, mais especificamente a de mães que são levadas a abandonar seus filhos. Assim, temos como objetivo principal analisar a figura da madona abandonada no romance *O Quinze* (1937), da escritora cearense Rachel de Queiroz (1910-2003), e refletir como nessa obra podemos pensar acerca da transferência da maternidade. A escolha do objeto de pesquisa foi motivada pelo fato da temática despertar curiosidade em nós, como pesquisadora, não só pela figura materna em nossa literatura como também pela própria obra em análise com a qual tivemos contato no ensino médio, momento em que a problemática da seca na referida obra tinha chamado a nossa atenção. Posteriormente, na graduação, voltamos a ter contato com a obra de Rachel de Queiroz. Dessa vez, percebemos que a maternidade transferida era um aspecto que merecia um maior aprofundamento e, portanto, seria uma chave de leitura para a referida obra, sobretudo, porque até então o romance não tinha sido lido a partir dessa perspectiva.

Historicamente, Rachel de Queiroz pertence ao que, oficialmente, é chamado de geração de trinta, momento na história da literatura brasileira em que os escritores passam a problematizar, de forma mais contundente, a realidade social do país e as desigualdades que o assolavam, sobretudo em regiões menos assistidas, como era o caso do Nordeste. Nesse cenário, *O Quinze* (1937) descreve a triste realidade dos retirantes nordestinos que são expulsos da própria terra em virtude da escassez de chuvas e da seca prolongada, realidade que a própria Rachel de Queiroz vivenciou. A narrativa remete à seca no Ceará em 1915 e representa as consequências dela para os nordestinos.

Analisar esse romance a partir da reflexão sobre a seca na vida do povo nordestino, como, por exemplo, faz Araújo (2009), tem sido a chave de leitura oficial sobre a qual se assenta boa parte da fortuna crítica sobre *O Quinze*. Nessa perspectiva, reitera-se que Rachel de Queiroz soube amarrar os efeitos deste fenômeno climático à vida de seus personagens. Essa perspectiva, porém, não é a que seguiremos em nosso trabalho. Interessa-nos compreender, no âmbito das representações que a obra engendra, a presença da maternidade em *O Quinze*, mais especificamente buscaremos refletir acerca da maternidade transferida, processo em que, depois de ter perdido um filho para a fome e o outro ter desaparecido no mundo com um grupo de ciganos, Cordulina abdica da responsabilidade da maternidade em favor de Conceição, já que esta passa a ser a responsável pelo filho daquela. Assim, em nossa leitura, procuraremos dar ênfase ao que

Motta (2015) chama de madona abandonada, isto é, mulheres que, em meio a circunstâncias tão adversas, são levadas a entregarem seus filhos a outra pessoa.

A análise de nosso corpus será guiada pelas reflexões sobre maternidade a partir do estudo pioneiro de Badinter (1980). Além dessa estudiosa, recorreremos ao trabalho de Del Priore (1980) para pensarmos a configuração da maternidade no imaginário social brasileiro. Em ambas as estudiosas, podemos perceber que o conceito de maternidade não se assenta em uma base apenas biológica, mas, sim, histórico-cultural, já que pode ser modificado ao longo do tempo a partir das injunções sociais, históricos, culturais e biológicas da mulher. Ao trabalho dessas estudiosas, acostamos a pesquisa de Motta (2015) que se centra sobre as mães que foram impossibilitadas de vivenciar a maternidade, precisando transferi-la para outra mulher.

Tendo em vista que, em nosso imaginário social, a maternidade é vista como sagrada, destino inapelável de toda mulher, abdicar-se dela não é algo bem aceito socialmente. Por isso, Motta (2015) interessa-se em estudar o sofrimento causado na mãe que é levada a separar-se dos filhos. Mostraremos, pois, como, em *O Quinze*, Cordulina insere-se no rol dessas madonas abandonadas.

2. Maternidade e adoção em *O Quinze*: (in)decisões femininas

O eixo narrativo central de *O Quinze* é a seca do Nordeste, representado pela migração da família de Chico Bento. Desempregado, ele e sua família vão a pé de Quixadá a Fortaleza com esperança de ter uma vida digna. Nesse caminho, a família passou fome e sede, perdeu dois dos três filhos. O primeiro foge com os ciganos, e o outro, Josias, morre por ter comido mandioca crua:

Ele então foi ficando para atrás, entrou na roça, escavou com um pauzinho no chão, numa cova, onde o tronco de manipeba apontava; dificultosamente, ferindo-se, conseguiu topar numa raiz, cortada ao meio pela enxada. Batendo de encontro a uma pedra, trabalhosamente, arrancou-lhe mais ou menos a casca; e enterrou os dentes na polpa amarela, fibrosa, que já ia virando pau num dos extremos. Avidamente roeu todo o pedaço amargo e seco, até que os dentes rangiram na fibra dura. (QUEIROZ, 1937, p. 23).

Como podemos perceber na citação, o sofrimento do casal já tinha começado pelo fato deles terem que sair da própria terra à procura de melhores condições, e pelo caminho

deixou dois filhos para trás. Quando chega à capital, traz consigo um único filho – Manuel (Duquinha) –, justamente o que era afilhado de Conceição. Chegando a Fortaleza, a família vai para o campo de concentração (abrigo para os flagelados da seca), foi exatamente neste local que Conceição reencontrou seu afilhado Duquinha. Conceição era professora e voluntária no campo de concentração, ela consegue dividir o tempo entre o trabalho e a educação do afilhado. Para ela, ser mãe é aprender coisas novas a cada dia e foi se aperfeiçoando no exercício de ser mãe.

Foi Conceição quem os descobriu, sentados pensativamente debaixo do cajueiro: Chico Bento com os braços cruzados, e o olhar vago, Cordulina de cócoras segurando um filho, e um outro menino mastigando uma folha, deixando escorrer-lhe pelo canto da boca um fio de saliva esverdeada. (QUEIROZ, 1937, p. 40).

Além do reencontro com seus compadres, Conceição encontra Manuel magrinho, com a pele seca e doentinho. Ela então se sente sensibilizada com a situação.

E a criança que outro tempo trazia Cordulina tão gorda, era decerto aquela que lhe pendia do colo, e que agora a trazia tão magra, tão magra que nem uma visagem, que nem a morte, que só talvez um esqueleto fosse tão magro... (QUEIROZ, 1937, p. 40).

Diante dessa situação, Conceição pede o garoto à Cordulina para criá-lo. Cordulina fica indecisa pede a opinião de Chico Bento. No início, ele não gostou da ideia, porém a esposa o convence e os dois decidem deixar a guarda de Manuel com Conceição:

– Chico, a comadre Conceição, hoje, cansou de me pedir o Duquinha. Anda com um destino de criar uma criança. E se é de ficar com qualquer um, arranjado por aí, mais vale ficar com este, que é afilhado... - E o que é que você disse? - Que por mim não tinha dúvida. Dependia do pai... - É... dê... Se é da gente deixar morrer, pra entregar aos urubus, antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro... (QUEIROZ, 1937, p. 46).

É importante deixar claro que a decisão de entregar um filho em adoção ou a ideia de fazê-lo pode ter significados diferentes, já que existem aspectos divergentes em relação ao termo *maternagem* e *maternidade*. De acordo com Motta (2015), a partir da diferenciação entre esses termos, é que podemos avaliar a mulher que entrega seu filho:

Maternar, maternagem: termo [...] segundo o qual a maternidade se estabelece como fato exclusivamente biológico e a *maternagem* é forjada no universo relacional/interacional entre mãe e filho. A *maternidade* diz respeito à procriação, enquanto a *maternagem* se inscreve no âmbito

socioafetivo da criação dos filhos. A primeira pertence à esfera do biológico, enquanto a segunda à esfera do social. (MOTTA, 2015, p. 33).

Voltando ao romance de Rachel de Queiroz, não foi fácil convencer o filho de Cordulina que ele agora iria ter uma nova mãe. Duquinha era uma criança que nunca tinha se separado de Cordulina e também não conhecia Conceição como sua madrinha:

Duquinha ficou de cócoras, encolhido, agarrado ao pé da mesa, como um bicho bravo assustado, grunhindo surdamente de desconsolo e de medo, a qualquer aproximação. E para que ele não visse sair, a mãe, depois de ir à cozinha arrecadar a sua trouxa, retirou-se escondida, passando pela alcova. Conceição aproximou-se de novo, procurando atrair o afilhado com agrados, com comida. Mas Duquinha não se mexia, agarrado nervosamente ao seu pé de mesa. A moça insistiu. Trouxe um pouco de leite e chegou-o ao menino. (QUEIROZ, 1937, p. 47).

Porém, com muita paciência, Conceição conseguiu ganhar a confiança de seu afilhado e acabou demonstrando seu lado maternal ao ter cuidado com seu afilhado:

– No cantinho, ali... Brinque direitinho... Tome uma figura... O pequeno estendeu a mão para o reclame de dentifrício com que a Conceição mareava o livro. Na gravura, uma moça ria, mostrando uns dentes alvíssimos. (QUEIROZ, 1937, p. 58).

Sobre este tema Araújo e Moura (2004) afirmam que o romance de Rachel de Queiroz apresenta, no que tange à relação com a maternidade, uma nova imagem da mulher, ou seja, toda criança é capaz de transformar na mulher (Conceição) o seu objeto da atenção. Em outras palavras, a presença de uma criança faz aflorar na mulher a propensão à maternidade. Nesse cenário, "A devoção e a presença vigilante da mãe surgem como valores essenciais" (MOURA e ARAÚJO, 2004, p.47).

Levando em conta esse aspecto para a personagem Conceição, podemos perceber que ela estudou, trabalhou como professora e não precisou de nenhum companheiro para ajudar nessa jornada e também assumiu o posto de mãe sem um homem. Muitas vezes, algumas mulheres acham que o predomínio de um casamento encontra-se ao lado de um homem para que possa protegê-la e criar seus filhos. Conceição nos mostra ao contrário, já que ela assume a maternidade transferida sem ter junto de si nenhum companheiro para compartilhar o processo de educação do menino que, antes era seu afilhado, e agora se torna seu próprio filho:

– Mãe Nácia, quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe... Senão a vida fica vazia demais... - E para que você torceu sua natureza? Por que não se casa? Conceição olhou a avó de revés, maliciosa: – Nunca achei quem valesse a pena... Dona Inácia foi saindo da sala, para guardar o manual e o terço: – Moça que pega a escolher muito acaba ficando na peça... Conceição reabriu o livro, com os braços erguidos, recompôs os cabelos soltos que já lhe invadiam o rosto, sacudidos pelo vento que entrava através da rótula aberta. Pensava: “para evitar o excessivo desamparo, a gente precisa criar seu ambiente, suas ideias, suas reformas, seu apostolado... Embora nunca os realize... nem sequer os tente... mas ao menos os projete, e mentalmente os edifique...” (QUEIROZ, 1937, p. 57).

Então, ao observar esse trecho da obra *O Quinze* (1937), é perceptível que Conceição não era uma pessoa preocupada em cumprir com o destino “natural” que a sociedade patriarcal havia predefinido para as mulheres e que consistia no casamento e na maternidade. Como diz a avó da personagem, Conceição torceu a própria natureza. Recusou-se a casar e encontrou outras formas de se sentir mãe, se é que podemos dizer assim. A maternidade transferida e a dedicação a causas humanitárias fazem de Conceição uma personagem que transgride com valores sociais que alocavam o feminino no espaço privado do lar e lhe destinava apenas o exercício das prendas domésticas. Conceição foge a esse destino. Ela se entrega aos estudos e à ajuda aos mais necessitados no campo de concentração que eram uma espécie de abrigo para as vítimas das secas do ano de 1915.

No que tange, especificamente, à maternidade, lembremos que, para grande parte das mulheres, ela é “umas das experiências físicas, psicológicas, intersubjetivas. Todos nós temos mães, e como mulheres, temos o potencial para sermos mães” (STEVENS, 2007, p. 17). Pelo que expusemos anteriormente, embora na óptica da avó, Conceição tenha torcido a própria natureza, recusando-se a casar e, portanto, a gerar filhos, já que, no contexto social representado pela obra, a produção independente de filhos era algo, possivelmente, impensável à época em virtude das coerções e dos preconceitos sociais, ainda assim, Conceição demonstrou ter o potencial de ser mãe ao aceitar Duquinha como filho adotivo. Acrescentemos ainda que o exercício da maternidade transferida não inviabiliza que Conceição continue com a sua vida profissional. Professora e voluntária no campo de concentração, ela consegue dividir o tempo entre o trabalho e a educação do afilhado. Para ela, ser mãe é aprender coisas novas a cada dia e ela foi se aperfeiçoando no exercício de ser mãe.

Ao contrário de Conceição que passou a vivenciar a maternidade, Cordulina precisou entregar o filho que estava doente devido à fome causada pela terrível seca. Nesse caso, podemos dizer que à Cordulina a maternidade foi negada:

Durante o período colonial, muitas mulheres viram-se diante da necessidade de abandonar os próprios filhos. Não é exagero afirmar que a história do abandono de crianças é a história secreta da dor feminina, principalmente da dor compartilhada por mulheres que enfrentavam obstáculos intransponíveis ao tentar assumir e sustentar os filhos legítimos ou nascidos fora das fronteiras matrimoniais. (PINTO, 2010, p. 189).

A transferência da maternidade não é algo que Cordulina faz porque deseja. Ela acontece à revelia de sua própria vontade. Entregar Manuel aos cuidados de Conceição é um gesto não de abandono, mas de amor a fim de que o filho possa ter com Conceição a garantia à vida que estava posta em risco porque os pais, em virtude da seca, mas também das desigualdades sociais, não tinham como garantir que Duquinha não tivesse o mesmo destino que os outros irmãos:

Há certa tendência em encarar toda separação entre mãe e filho entregue em adoção como abandono e esta se deve primordialmente aos valores socialmente estabelecidos segundo os quais a maternidade e a maternagem são naturais e, portanto, presentes em todas as mulheres. (MOTTA, 2015, p. 38-39).

Assim, Cordulina acaba sentindo esta dor feminina que não é pensada por aqueles que execram as mães que entregam os filhos para a adoção, por exemplo. Persiste em nosso imaginário social a ideia sacralizada da maternidade e de que a boa mãe é aquela que se sacrifica pelos filhos, mas a adoção não é vista, nesse caso, como o maior sacrifício que uma mãe pode fazer para mostrar que ama o próprio filho. Nas palavras de Motta (2015, p. 39), “O mito do amor materno deixa sua nítida influência sobre a construção de estigmas em relação às mães que entregam seus filhos”. Por isso, precisamos refletir acerca dessas madonas abandonadas e entender a dor que as acomete porque, uma vez dentro dessa categoria, muitas mulheres passam a vida sob a sombra da culpa, sentindo-se menos mãe por terem entregado o filho a outrem. Em outras palavras, “O uso do termo ‘abandono’, livre de questionamentos, revela uma postura preconceituosa e paradoxal em relação à mãe que “desiste” de criar seu filho.” (MOTTA, 2015, p. 50).

Logo a reflexão passa, necessariamente, pelo ressignificação dos termos empregados para nomear o gesto realizado por essas madonas abandonadas. Ou seja, precisamos repensar o próprio conceito de abandono, já que:

[...] abandono não é apenas o ato de deixar o filho sem assistência material fora do lar, mas inclui o descaso intencional pela sua criação, educação e moralidade. Sendo assim, declaram-se legalmente abandonados também os menores que tenham pai, mãe ou tutor encarregado de sua guarda reconhecidamente impossibilitado ou incapaz de cumprir os seus deveres para com o filho, pupilo ou protegido. Ainda de acordo com nosso Código Civil, também são consideradas abandonadas as crianças que viviam em companhia de pai, mãe ou tutor ou pessoa que se entregue à prática de atos contrários à moral e aos bons costumes ou as crianças que, devido à crueldade, negligência ou exploração dos pais, tutor ou encarregado de sua guarda, sejam:

- Vítimas de maus-tratos físicos habituais ou castigos imoderados;
- Privadas habitualmente dos alimentos ou dos cuidados indispensáveis à saúde;
- Empregadas em ocupações proibidas ou manifestamente contrárias à moral e aos bons costumes, ou que lhes ponham em risco a vida ou a saúde;
- Excitadas habitualmente para a gatuñice, mendicidade ou libertinagem; e assim por diante (MOTTA, 2015, p. 48).

Ainda consoante Motta (2015), o conceito de abandono “[...] vem normalmente acoplado ao de adoção e é comumente compreendido como enjeitar, não aceitar, recusar, desprezar, repudiar, repelir” (MOTTA, 2015, p. 39). Ou seja, perpassa esse conceito uma semântica negativa que não consegue dar conta dos motivos que levaram uma mãe a “abandonar” o filho:

[...] estudar o abandono nos remete à dificuldade de circunscrever com rigor o seu âmbito e seu objeto, sendo que a própria palavra apresenta múltiplos significados. Pode referir-se a uma renúncia ou desistência, a um voltar às costas e partir para longe, ou a um estar presente e ignorar, uma incompetência, um desprezo, um desleixo, um ato, um sentimento (MOTTA, 2015, p. 53).

No caso de Cordulina, a entrega do filho não acontece porque ela se nega a vivenciar a maternidade. Pelo contrário, como já o dissemos, esse direito lhe foi negado porque a morte era algo que perseguia a família de Cordulina e já lhe havia levado um filho. Cordulina acaba ficando em dúvida quando a possibilidade de entregar o filho para Conceição lhe é aventada com única alternativa de sobrevivência para o menino. Por isso, saindo do plano da ficção e entrando no plano da realidade, é preciso ponderarmos acerca

das mulheres-mães que se veem representadas na personagem Cordulina. Ou seja, não podemos mais continuar a vê-las simplesmente como “mulheres-que-abandonaram-seu-filho”.

Sabemos da existência de crianças que mesmo vivendo com seus pais biológicos são absolutamente desatendidas em suas necessidades básicas de amor, carinho, cuidados e proteção; e há aquelas que são exploradas nas ruas sob a “vigilância” de suas mães, ou, pior ainda, sem contato algum com seus pais. (MOTTA, 2015, p. 55).

Precisamos aprender a “discernir entre as diferentes modalidades desta separação, que, em geral, implica a entrega a alguém que cuidará da criança” (MOTTA, 2015, p. 51). Nesse caso, o abandono não implica a entrega da criança à própria sorte ou a qualquer pessoa:

A utilização do conceito de abandono para designar o ato das mães biológicas que entregam seus filhos em adoção tem no nosso entender a função de “neutralizar”, controlar a revolução que este feito provoca no estereótipo que consagra os valores referentes à maternidade. (MOTTA, 2015, p. 54).

Se o abandono pode ser lido como um gesto extremo de afeto, de cuidado, de preocupação com o filho, esse gesto é precedido pela escolha de quem vai acolher a criança. No caso de Cordulina, ela encontra em Conceição a figura ideal para exercer a maternidade que a ela está sendo negada:

A decisão de separar-se da criança para entregá-la a quem poderá encarregar-se dela pode significar, para a mulher, aceitar a impossibilidade de criá-la, ou sua rejeição a ela ou a frustração de seu amor e desejo maternantes. (MOTTA, 2015, p. 54).

Não foi fácil para Cordulina, a princípio, aceitar a ideia de separar-se de seu filho Duquinha nem tampouco foi fácil entender que essa separação seria a melhor alternativa para o menino. No caso de Cordulina, frisemos que o abandono foi uma recusa à maternidade. Por isso, precisamos, sempre que nos deparamos com mulheres que abandonaram seus filhos, compreender os termos em que se deu tal abandono:

A maneira como conceituamos o abandono varia no tempo e no espaço, pois **maternidade** e **abandono** são conceitos que se modificam de acordo com o modelo vigente, ligado a mecanismos ideológicos e culturais dominantes em cada época. Surgem, portanto, diferentes modelos de ser mãe, baseados em diferenciação de papéis, sempre enaltecidos e defendidos de acordo com os interesses do sistema econômico dominante,

especialmente em períodos de crise econômica. (MOTTA, 2015, p. 60-61).

Como já dissemos, são as dificuldades de ordem financeira que fazem com que Cordulina entregue o filho para Conceição. Mas, como aponta Motta (2015), diversos são os fatores que fazem com que mães ajam como a personagem de Rachel de Queiroz.

[...] além da pouca idade, da falta de condições econômicas e / ou sociais, um dos fatores que mais influenciam as mães a entregar seus filhos em adoção tem sido o julgamento dos outros. Este julgamento, por sua vez, lhes garante a condenação ao isolamento, e, assim sendo, o acompanhamento das consequências geradas pela falta de atendimento e cuidados a essas mulheres no decorrer do processo de decisão e eventual entrega, põe às claras os prejuízos de longo alcance e de abrangência tal que atingem todos os envolvidos. (MOTTA, 2015, p. 73).

Nenhuma mulher vive ileso após a entrega de um filho:

A mãe que entrega, por sua vez, senti-se-á culpada por ser uma mãe que “abandona” e aqueles que criticam seus atos não se sentirão mobilizados a tentar compreendê-la mais profundamente nem a desenvolver formas de aproximação e amparo a essa mulher. [...] A utilização da palavra abandono alimenta o imaginário social com relação aos procedimentos adotados por quem se separa de seu filho e é moralmente tendenciosa, uma vez que arrasta consigo a imagem da criança sendo colocada em risco ou prejudicada de alguma maneira. Acreditamos que ela não deixará de ser “abandonada” só porque tem informação sobre os fatos concretos da separação de sua mãe, embora o conhecimento das circunstâncias que levaram sua mãe a separar-se dela talvez possa auxiliar na reorganização de sua vida mental, na reparação da autoestima danificada e na reconquista de seu amor-próprio. (MOTTA, 2015, p. 51-52).

O abandono é um ato que marca mãe e filho para o resto da vida, sobretudo em nossa sociedade que vive sob a égide da sacralização da maternidade e que não a compreende para além do mito do amor oblativo.

Os mitos sempre têm sua fonte na vida comum e nas experiências de uma comunidade humana em particular. Eles terão a marca de sua cultura e persistirão durante gerações como parte de sua tradição. [...] Desde nossos ancestrais primitivos, os mitos tiveram importantes funções, tal como a de emprestar sentido, significação e finalidade a determinados aspectos da vida, colocando ordem nas experiências cotidianas ou cada vez que um aspecto da vida e da existência era visto como problemático ou carregado de ansiedade e perigo e, portanto, considerado extraordinário. (MOTTA, 2015, p. 75-76).

Em relação ao mito do amor materno, Motta (2015) reporta-nos ao final do século XVIII, na França, quando o amor materno foi colocado em primeiro plano e as mulheres

tiveram que cumprir seu dever como francesas, isto é, criando e cuidando de seus filhos, devido a motivos econômicos:

O nascente interesse pelas ciências demográficas resultou na conscientização da importância da população para um país. Verdadeiros ou não, os dados demográficos, os gritos de alarme de Montesquieu, Voltaire, Rousseau, surtiram efeito e todos acreditaram no despovoamento da França. A criança adquiriu um valor mercantil, pois perceberam sua potencialidade como riqueza econômica e como garantia do poderio militar da nação. (MOTTA, 2015, p. 79).

Levando em consideração a questão do mito do amor materno, Badinter (1980) reflete até que ponto muitas mães são capazes de abandonar seus filhos mesmo sabendo, principalmente, que, na primeira fase, a criança precisa do acolhimento e do cuidado maternos:

São numerosas as crianças que morrerão sem ter jamais conhecido o olhar da mãe. As que voltarão, alguns anos mais tarde, ao teto familiar, descobrirão uma estranha: aquela que lhes deu à luz. Nada prova que esses reencontros tenham sido vividos com alegria, nem que a mãe tenha se apressado em saciar uma necessidade de ternura que hoje nos parece natural. Lendo os números do tenente de polícia da capital, não podemos deixar de fazer uma pergunta: como explicar esse abandono do bebê numa época em que o leite e os cuidados maternos representam para ele uma maior possibilidade de sobrevivência? Como justificar tamanho desinteresse pelo filho, tão contrário aos nossos valores atuais? As mulheres do Antigo Regime terão agido sempre assim? Por que razões a indiferente do século XVIII transformou-se em mãe coruja nos séculos XIX e XX? Estranho fenômeno, essa variação das atitudes. Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. (BADINTER, 1980, p. 12).

Historicamente, o mito do amor materno surge na França devido à crise econômica. Então, como já dissemos, muitas mulheres acabaram tomando a decisão de entregar os filhos ou até mesmo de abandoná-los. Badinter (1980) relata que foi por falta de dinheiro que as mães “falharam em seu amor materno” com os filhos:

Desse ponto de vista, é difícil explicar as falhas do amor materno, como essa frieza e essa tendência ao abandono que surgem na França urbana do século XVII e se generalizam no século seguinte. Para esse fenômeno, devidamente constatado pelos historiadores, encontraram-se várias justificativas econômicas e demográficas. O que equivale a dizer que o instinto da vida suplanta o instinto materno. Reconheceu-se, no máximo, que ele é flexível e talvez sujeito a eclipses. O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e

imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. (BADINTER, 1980, p. 14).

Levando em consideração o aspecto da mãe que abandona seu filho em nossa cultura, a mulher que resolve fazer o ato da entrega do filho acaba sendo julgada pela sociedade, ou seja, quando uma mãe resolve entregar seu filho a cuidados de outra pessoa, claramente essa mãe receberá críticas sociais, mesmo sem saber dos verdadeiros motivos da entrega:

Em nossa cultura patriarcal ocidental, quando uma mulher não quer ocupar-se dos cuidados com o filho, por motivos de diferentes ordens, lhe é feita veemente crítica social que não admite e não pode reconhecer as razões do referido não querer. (MOTTA, 2015, p. 83).

Nosso ponto de vista sobre o mito do amor materno coincide com o das duas referidas autoras que discorreremos a seguir, pois elas acreditam que certos tipos de mitos, como o do amor materno, surgiram em decorrência de interesses econômicos e sociais de uma determinada época e tiveram influência, principalmente, em virtude das políticas vigentes do país que fomentou tais mitos:

Os mitos fazem parte de nosso patrimônio cultural e deles estamos impregnados, sendo que há um mito particularmente tenaz e que resiste ao longo dos tempos, que é o mito da “boa mãe”. [...] O mito da “boa mãe” sempre foi eficaz para os costumes familiares e a distribuição de papéis. Se é a fisiologia da mulher que lhe permite procriar, é ela, portanto, que pode melhor matinar. (MOTTA, 2015, p. 77).

Portanto, é a partir das críticas sociais, principalmente, que a mãe sofre e deixa externar o sofrimento. Assim, como a criança também passa a inculcar esse sofrimento causado pela separação da mãe de útero:

[...] acreditamos que a revisão epistemológica da ideia de instinto materno permite reformular a concepção de abandono da criança por parte da mulher que a concedeu. Segundo os autores, a existência do útero não garante o cumprimento das funções maternas, na medida em que estas implicam tutela, proteção, educação da prole, muito além do parto e da amamentação, sendo que, para eles, estas últimas parecem formar parte de um saber hereditário, filogenético, enquanto as primeiras corresponderiam a uma aprendizagem cultural. (MOTTA, 2015, p. 84).

Porém, o conceito de amor materno vem acarretando ao longo do tempo, inúmeras consequências porque ele está assentado em uma visão essencialista sobre a maternidade que reitera os estereótipos a partir dos quais a relação mãe e filhos é pensada:

Os conceitos de “boa mãe” e de “amor materno” estão calcados e ilustrados por mitos e crenças que compõem nosso imaginário social, somados às nossas recriações e idiosincrasias pessoais. Existe, portanto, entre nós um conjunto de elementos simbólicos e imaginários a partir do qual foram construídas certas redes de significação em cujo bojo a ideia de maternidade acabou por se construir sob um determinado modelo (MOTTA, 2015, p. 86).

No que se refere à Cordulina, não foi diferente. Em todo o percurso em direção a São Paulo, ela não deixa de demonstrar o sofrimento. Esse sofrimento está presente no próprio corpo que traz as marcas físicas e é o sintoma das feridas psíquicas potencializadas pela morte do primeiro filho, pela perda do segundo, que fugiu com um bando de ciganos, e pelo abandono do terceiro que ficou com Conceição. Então, de fato, Cordulina acaba entrando nesse modelo de maternidade colocado pela autora Motta (2015), já que a personagem, apesar de ter perdido sua terra de origem, ainda ficou vista como a mãe que abandonou o filho:

Fosse pela falta da mãe, ou fosse por um atual excesso de alimentação, ou apenas em consequência das misérias sofridas, Duquinha caiu muito doente. Conceição mal dormia, sempre pertinho da criança, que estirada na rede, com muita febre, não comia, imóvel e indiferente feito um defunto. Cordulina mal aparecia, sempre de carreira, sem poder abandonar o marido. E de saída, os olhos agradecidos envolvendo a moça, dizia sempre: – Deus lhe paga isso, minha comadre! São Francisco das Chagas vai dar à senhora tudo o que o seu coração pedir! (QUEIROZ, 1937 p. 47).

Cordulina e sua família são impossibilitadas de usufruir dos bens materiais adquiridos com o suor do próprio rosto. Ainda que existam vontade e força para trabalhar, não há onde nem como trabalhar. Mas o mais doloroso é ser roubado no direito de viver os próprios afetos, sobretudo porque Cordulina e Chico Bento são oriundos de uma cultura em que os filhos são os bens mais preciosos.

– Minha comadre, quando eu saí do meu canto era determinado a me embarcar para o Norte. Com a morte do Josias e a fuga do outro, a mulher desanimou e pegou numa choradeira todo dia, com medo de perder o resto... [...] Chico Bento deixou cair os braços magros, num gesto de desânimo: - Então que é que se há de fazer? A senhora bem está vendo que eu não posso ficar aqui, nesta desgraça... Serviço no Tauape quase não tem mais... (QUEIROZ, 1937, p. 48-49).

Tendo isto em vista, Motta (2015) relata que após a mãe fazer a entrega de seu filho, ela entra em um processo de luto, em consequência, acaba se tornando uma pessoa sem empatia, sem vontade de viver:

O luto é um processo composto de reações psicológicas, físicas e sociais a uma perda e se caracteriza como um processo holístico que é necessário, normal e universal, revelando-se como uma resposta inerente ao ser humano. Depois de sofrer uma perda, durante um certo período de tempo a pessoa enlutada fica angustiada e incapaz de funcionar da mesma forma que antes de sua ocorrência. (MOTTA, 2015, p. 99).

Para que aconteça a recuperação do luto, a mãe precisa fazer novos planos de vida para que se possa alcançar um novo nível de funcionamento de vida. A personagem Cordulina acaba se tornando essa mãe enlutada, já que sofreu em todo percurso “a dor oculta, como o forno entupido que transforma o coração em cinzas, onde ela se encontra.” (MOTTA, 2015, p. 99). A narrativa de *O Quinze* se encerra sem quem saibamos como Cordulina viveu o próprio luto e se chegou a superá-lo. Entretanto, aventamos a hipótese de o abandono do filho deve ter persistido com uma sombra da qual Cordulina não pôde se desvencilhar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra *O Quinze* (1937), escrita pela cearense Rachel de Queiroz, notamos a descrição da triste realidade dos retirantes nordestinos a partir de um ponto de vista em que há certa solidariedade com o sofrimento dessa gente castigada pela fome, seca, miséria. A narrativa centra-se principalmente na seca do nordeste e se reporta ao ano 1915, quando houve uma das maiores secas no Ceará, e às consequências decorrentes desse fenômeno para a geografia física e humana da região. Dizer isso acerca da obra de Rachel de Queiroz é reiterar a linha interpretativa que canonizou um modo de ler *O Quinze*:

O Quinze, publicado em 1930 certamente o mais ruidoso sucesso do período, vai pôr em relevo a novidade que representa a simples colocação do operário. [...] o grande marco pela qual passaria o romance brasileiro na década de 30, porque foi capaz de constuir uma síntese de uma série de questões relevantes. No aspecto temático, ao trabalhar com dois planos de narrativa fortemente ligados a um grande problema, aquilo que chamamos aqui de apego à terra, Raquel de Queiroz pôde tocar no drama da seca, na condição feminina e no processo de urbanização que começava a se generalizar no país, a partir de uma história extereamente simples que

pareceu a muitos críticos até simples de mais. Sem explicar bem o quer dizer, Afranio Coutinho, “afirma que o romance tem defeitos sérios de estruturação e psicologia, construção e narrativa” (COUTINHO, 1937 *apud* BUENO, 2006, p.48-51).

Como apontamos na nossa introdução, não desconsideramos a tradição crítica e a fortuna que se construiu em torno de *O Quinze*, mas nosso trabalho se propôs a apresentar um outro caminho interpretativo para a obra. Nesse caso, o nosso olhar crítico assentou-se na temática do amor materno que perpassa também a obra e procurou compreender como a relação mãe, filhos, maternidade e maternagem se configura ao longo do enredo da obra.

Pontuamos que o que parece ser inato à mulher, como a maternidade, na verdade, é fruto de discursos, historicamente, construídos que criaram um modo hegemônico de ser mãe, de ser maternal, de maternar. Entretanto, essa mesma sociedade que fomenta as crenças acerca da maternidade condenada as mulheres que não correspondem a tais crenças, ainda que houvesse desejo de segui-las, como foi o caso de Cordulina. Esta não se negou a ser mãe. Ela vivia a crença de que, sendo mãe, os filhos eram o seu bem mais precioso. Ainda assim, por razões alheias à própria vontade, ela vai pouco a pouco sofrendo alterações em sua identidade como mãe de maneira que, apesar de ter perdido um filho para a morte, Cordulina vai ficar marcada como a mãe que abandonou o filho com Conceição para poder ir tentar a vida, com o marido, em São Paulo.

Nesse caso, se sobre Cordulina pesa a pecha de mãe desnaturada porque abandonou o filho, sobre Conceição recai o manto da idealização porque ela acolheu o filho da outra. Sob a óptica dos preceitos morais em que se assenta a nossa sociedade, Conceição estaria cumprindo com aquilo que Cordulina se negara a cumprir, ainda que a recusa da maternidade, no caso em questão, não tenha sido um desejo da própria Cordulina, mas uma imposição frente às injunções do momento. Mais do que Conceição, Cordulina realizou um ato de bravura porque teve de escolher entre entregar o filho à morte, ficando com ele junto de si e esperando sucumbirem, ambos, às misérias, ou à vida, doando-o a Conceição, ainda que isso implicasse viver longe do filho. Essa segunda alternativa foi o que Cordulina escolheu e o preço por isso foi a sombra da culpa por separar-se do filho, ainda que não houvesse outro caminho. Ao tomar tal decisão, Cordulina entra para a galeria do que, na esteira de Motta (2015), ao longo de nosso trabalho, chamamos de madonas abandonadas, isto é, aquelas mulheres que, levadas a entregarem os filhos à adoção, são estigmatizadas por terem assim procedido e, ao serem condenadas por isso, elas mesmas são desamparadas. Sua dor não é compreendida porque sobre elas pesa a reprovação por elas

terem indo de encontro à “própria natureza”, como se a recusa da maternidade tivesse sido uma escolha e não uma imposição social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro; NOGUEIRA, Julia Gomes; PINHO, Adeíto Manoel (Org.). *Literatura, história e memória: leituras de Jacques Le Goff*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: UNICAMP, 2006, p. 31-157.

DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1980.

GUTIERREZ, Denise Machado Duran; PONTES, Karine Diniz da Silva. Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. *Revista NUFEN*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 3-24, dez. 2011. Disponível em <<https://bit.ly/31bihOk>> . Acesso: 18 de outubro de 2018.

MOTTA, Maria Antonieta Pisano. *Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2015.

Moura, Solange Maria Sobottka Rolim., Araújo, Maria Fátima. (2004) A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 2004, p. 44 – 55.

QUEIROZ, Rachel. *O quinze*. Rio de Janeiro: Copyright, 1937.

STEVENS, Cristina. Maternidade e feminismo: diálogos na literatura contemporânea. In: _____. *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p. 15-78.

SWAIN, Tania. Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e maternidade. In: STEVENS, Cristina. *Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p. 201-246.